

APRENDENDO A CUIDAR NA PANDEMIA POR COVID-19: EXPERIÊNCIA COM GRUPO ON-LINE EM SAÚDE MENTAL

LEARNING HOW TO CARE IN COVID-19 OUTBREAK: MENTAL HEALTH'S ON-LINE GROUP
EXPERIENCE

FIORONI, L. N.¹

SOUSA, R. S.²

PEDRINI, C.³

RIENZO, I. R.⁴

CASAROTTO, M.⁵

CHAGURI, M. G. T.⁶

RODRIGUES, S. M.⁷

RESUMO: Apresentamos a análise de uma experiência de assistência estudantil no contexto da pandemia por COVID-19, com foco na construção da grupalidade da equipe de trabalho enquanto ferramenta e processo significativos de aprendizagem e formação em saúde mental. A ação de formação-cuidado ocorreu no formato de grupo operativo remoto de acolhimento em saúde mental, vinculada ao Programa Institucional de Acolhimento e Incentivo à Permanência Estudantil-PIAPE, voltado à população universitária. A equipe foi composta por uma professora, uma estudante bolsista e cinco estudantes voluntários, vinculados ao curso de graduação em Psicologia. A sistematização da descrição da experiência apoia-se em Holliday (2006), que considera cinco etapas: participação e registro da experiência (objetivo, sistematização, aspectos centrais de interesse); reconstrução da história e classificação das informações; análise, síntese e interpretação crítica do processo; conclusões e comunicação da aprendizagem. Como resultados da atividade destacamos os analisadores: i. A equipe como grupo e grupalidade; ii. Modalidade da supervisão como dispositivo instituinte; iii. Eu e o meu outro (estudantes cuidando de estudantes); iv. Formação para grupos. Concluimos que a grupalidade colaborativa e afetiva desenvolvida na e pela equipe, foi o diferencial da experiência, materializada em práxis verdadeira, levando-nos a recomendar este modelo em novos grupos e cenários.

Palavras-chave: Saúde Mental; COVID-19; Grupo Online; Formação em Psicologia.

ABSTRACT: We present the analysis of a student assistance experience in the context of the COVID-19 pandemic, with a focus on building the group of the work team as a significant tool and process of learning and training in mental health. The training-care action took place in the form of a remote host operative group in mental health, linked to the Institutional Program of Reception and Incentive to Student Permanence-PIAPE, aimed at the university population. The team consisted of a college professor, a scholarship student and five volunteer students, linked to the undergraduate course in Psychology. The

1 Psicóloga. Docente associada do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-graduação em Gestão da Clínica – UFSCar.

2 Graduanda de Psicologia – UFSCar.

3 Graduanda de Psicologia – UFSCar.

4 Graduando de Psicologia – UFSCar.

5 Graduanda de Psicologia – UFSCar.

6 Graduanda de Psicologia – UFSCar.

7 Graduanda de Psicologia – UFSCar.

systematization is supported by Holliday (2006), who considers five stages: participation and recording of the experience (objective, systematization, central aspects of interest); reconstruction of history and classification of information; analysis, synthesis and critical interpretation of the process; conclusions and communication of learning. As a result, we highlight the analyzers: i. The team as a group and group; ii. Supervision as an instituting device; iii. Me and my other (students taking care of students); iv. Training for groups. We concluded that the collaborative and affective group developed in and by the team, was the differential of the experience, materialized in true praxis, leading us to recommend this model in new groups and scenarios.

Keywords: Mental Health; COVID-19; Online Group; Psychology Academic Training

INTRODUÇÃO

O projeto intitulado “Acolhimento em Saúde Mental e Partilha de Vivências no contexto da pandemia por COVID-19” surge a partir de uma demanda da Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), por meio do edital do ano de 2020 do Programa Institucional de Acolhimento e Incentivo à Permanência Estudantil - PIAPE. Dentre os objetivos do Programa estão o apoio ao acompanhamento de universitários, visando a promoção do vínculo acadêmico, o combate à retenção, ao desligamento e à evasão nos cursos de graduação da UFSCar (UFSCar, 2018). Neste sentido, esta iniciativa articula a dimensão clínica - para os participantes que se beneficiaram do grupo de acolhimento em saúde mental, e a dimensão formativa-pedagógica - para os estudantes que integraram a equipe do projeto. O cenário da pandemia implicou no desenvolvimento de atividades remotamente, prática regularizada pelo Conselho Federal de Psicologia CFP (Conselho Federal de Psicologia & ABEP, 2020), atualizada considerando as novas demandas e desafios do contexto.

Para compreendermos como as ações em saúde mental são delineadas, em contexto de pandemia ou não, é necessário, primeiramente, entender o que representa este conceito, a partir de um paradigma crítico da saúde coletiva e da atenção psicossocial. Assim, considera-se saúde de maneira ampliada, historicamente situada, processual e multideterminada, como “bem-estar físico-psíquico-social ou como reparação do dano, delineando uma nova projetualidade: a “produção de vida”, a “invenção de saúde” (ROTELLI, 1990, p. 93). Acrescido a isto, a noção de promoção de saúde que destaca a relação entre saúde e condição de vida, a importância do coletivo na construção da saúde, da cidadania e da inserção social, como condições de produção de uma boa vida no sentido da produção de si a partir de desejos, projetos de vida, necessidades e possibilidades (CZERESNIA & FREITAS, 2014; AYRES, 2009). A compreensão de saúde mental foi considerada nessa mesma direção, a partir de um referencial que parte da desconstrução de um imaginário social erguido no que diz respeito ao adoecimento psíquico. Ela vai para além da ausência de transtornos psíquicos e sua determinação se dá pela cultura no qual o sujeito se insere, de forma processual, histórica, cultural e intersubjetiva. Assim, como bem desenvolvido por Foucault (2000, p.186) em seus trabalhos, “o louco só poderia ser louco aos olhos de um terceiro, que seria capaz de distinguir o exercício da razão da própria razão”. Na mesma direção, Pereira e Vianna (2009) destacam a abordagem

sócio-histórica sobre a saúde mental, em especial as intersubjetividades da pessoa com seu mundo, classe social, cultura e história familiar e pessoal.

No que tange à saúde mental, a pandemia por COVID19 trouxe inúmeros desafios e perdas, como os efeitos neuropsiquiátricos do isolamento social e do medo, intensificou quadros de depressão e ansiedade, aumentou o risco para comportamentos suicidas e também para situações de uso e abuso de substâncias psicoativas (SPA), além de ter produzido maiores vulnerabilidades para os contextos de violência doméstica (de gênero, a idosos e crianças) (IASC, 2020; AMARANTE et al, 2020; SCHMIDT et al, 2020; OPAS-ACNUR, 2020). Constatamos então o que muitos meios de comunicação e especialistas convencionaram chamar de ‘segunda onda da pandemia’, a dimensão da saúde mental. Todos estes elementos requerem um conjunto de reflexões e práticas interprofissionais, intersetoriais, articuladas e adequadas, na direção de minimizar agravos em saúde mental.

Ao se pensar em modelos assistenciais, refere-se à organização dos serviços de saúde e projetos de ações sociais específicas a partir de um determinado conjunto de saberes da área. Portanto, em saúde mental e, especificamente em um projeto de acolhimento em saúde mental, é necessário um olhar para questões sobre: como se dará o processo de constituição da equipe e o papel de cada integrante desta equipe; o método a ser utilizado, os objetivos e, conseqüentemente, a quantidade de encontros a serem realizados, entre outras questões.

Ademais, é imprescindível levar em conta como o atual contexto de pandemia afeta os diferentes atores/atrizes que fazem parte dessa realidade, como esses passam a construir suas representações sociais dadas as mudanças atuais. Assim, podemos ter, por exemplo: grupos de risco (como profissionais de saúde e idosos), sujeitos a processos de estigmatização devido a questões como medo de contaminação ou mesmo algum nível de desconhecimento sobre a COVID-19 por parte da sociedade, haja vista a desorganização de protocolos e diretrizes de saúde em seus diferentes níveis (municipal, estadual e federal). Esse mesmo desconhecimento - no que tange um caráter menos técnico e mais próximo do senso comum - e que pode causar processos de estigmatização para com estes grupos, pode também dificultar a compreensão de algumas pessoas sobre as medidas mais eficazes de cuidado e prevenção de contágio (como uso correto de máscara e o distanciamento social), o que, por consequência, pode fazer com que estas mesmas pessoas não só se exponham a situações de maior risco de contágio, mas também exponham outras pessoas.

A partir das diretrizes do PIAPE, do referencial teórico de Pichon-Riviére (2005), e em abordagens construtivistas e clínicas amparados em Paulo Freire (1982, 2008) e Vygotsky (199, 2005), na formação educacional-formativa, os autores deste trabalho estruturaram um projeto de acolhimento em saúde mental a partir de um dispositivo grupal - Grupo Operativo. Destacamos a triangulação destes autores neste relato de experiência: Pichón-Riviére (2005) propõe um dispositivo grupal que está no interstício entre a clínica psissociológica e a pedagogia; Freire (1982, 2008), nos apóia a partir da dimensão pedagógica-política e do conceito de autonomia implicada e transformadora; e Vygotsky (1999, 2005), nosso representante da Psicologia Histórico Cultural, nos permite ancorar análises na dimensão simbólica da constituição da linguagem a partir relação indissociável com a cultura e com o Outro mediador de significados.

As intervenções grupais foram realizadas a partir da perspectiva de “trabalho vivo em ato”, ou seja, desenvolvidas durante a própria prática, a partir de tecnologias relacionais (FRANCO & MERHY, 2012). Assim, a iniciativa articulou a dimensão clínica - para os participantes que se beneficiaram do grupo de acolhimento em saúde mental, e a dimensão pedagógica - para os estudantes que integraram a equipe do projeto, produzindo uma potência de movimentos de cuidado e de formação.

Por conta da pandemia por COVID-19, fez-se necessário que esse cuidado grupal fosse desenvolvido remotamente, prática regularizada pelo CFP. Para esta equipe, e também a partir de levantamentos bibliográficos iniciais, a experiência de grupo remoto em saúde mental com foco no acolhimento e na assistência estudantil foi inédita e inovadora. Ressalta-se, por fim, a hipótese deste trabalho, que envolve a potência da grupalidade e do afeto como dispositivos potentes de aprendizagem; além da modalidade remota que foi uma aposta sem experiência prévia e que exigiu adaptações de técnicas grupais.

MÉTODO

A fim de relatar e de analisar de forma crítico-reflexiva neste escopo a intervenção, apoiamos-nos no método de sistematização desenvolvido por Holliday (2006), que considera cinco tempos em seu processo: 1) participação e registro da experiência; 2) estabelecimento do objetivo da experiência, da sistematização e dos aspectos centrais de interesse; 3) reconstrução da história e ordenação e classificação das informações; 4) análise, síntese e interpretação crítica do processo; 5) formulação de conclusões e comunicação da aprendizagem.

Em relação à execução metodológica da intervenção, inicialmente elaborou-se o projeto em junho de 2020, constituindo também a equipe de trabalho, a partir de processo seletivo público, conduzido pela docente coordenadora do projeto, obedecendo as normas do edital PIAPE e o perfil de competência desejado para um trabalho grupal em saúde mental. O processo seletivo para o projeto “Acolhimento em Saúde Mental e Partilha de Vivências no contexto da pandemia por COVID-19” foi divulgado via e-mail para os estudantes do curso de Psicologia da UFSCar, anunciando a oferta de uma bolsa de extensão, e os atraídos deveriam enviar à coordenadora uma carta de interesse que incluísse sua motivação para participar e suas qualificações para tal.

Ao todo, sete pessoas se candidataram. A partir da divulgação do resultado final para bolsista, foi feita a consulta aos demais inscritos sobre desejo de participação como voluntários, e cinco candidatos concordaram. A composição da equipe, portanto, inclui uma professora, uma aluna bolsista e cinco alunos voluntários, totalizando 07 integrantes, todos vinculados ao curso de graduação em Psicologia da UFSCar. As estudantes eram majoritariamente do sexo feminino, pertencentes à diferentes anos da graduação, sendo um aluno do segundo ano, três alunas do quarto ano, e duas do último ano.

Conforme mencionado anteriormente, nossa base epistemológica apoiada em Pichón-Riviére, Freire e Vygotsky traz para esta experiência uma tripla camada: ambos autores podem ser compreendidos como focados em processos sociais, apostando no desenvolvimento individual e grupal a partir de vínculos intersubjetivos, e estes mesmos processos de transformação não se separam de processos de aprendizagem e produção de autonomia e saúde mental.

Os trabalhos da equipe tiveram início no mês de julho de 2020, com uma primeira reunião de apresentação do projeto e abertura para sugestões e modificações, seguida por quatro reuniões para discussão de textos para embasamento teórico e planejamento das intervenções grupais. Foi também pré-estabelecido que seriam duas equipes de trabalho, divididas igualmente, com 12 participantes cada. Fazia parte do pacto relativo ao processo de trabalho os papéis de cada pessoa da equipe:

- Mediador: Condução dos encontros grupais, favorecer a comunicação entre os participantes, favorecer movimentos de expressão e reconhecimento de afetos e pensamentos, apresentação dos disparadores;
- Responsável pela transcrição: Realizar transcrição do conteúdo discutido nos encontros grupais, bem como os movimentos de interação entre os participantes;
- Responsável pelo suporte técnico: Enviar o link da sala virtual, auxílio em casos de dificuldade de conexão, monitoramento dos e-mails e verificação do chat durante o encontro.
- Coordenadora: Supervisionar o projeto, gestão das ações, apoio na mediação do grupo e facilitação dos encontros de supervisão clínica.

As funções da equipe nos grupos foram escolhidas em consenso, levando em consideração os desejos e expertises demonstrados por cada, resultando em duas equipes: uma responsável pelo acompanhamento do grupo A (12 vagas), e a outra pelo grupo B (12 vagas), em frequência quinzenal para os participantes alvo do grupo, e semanal para a equipe. Os encontros grupais aconteceram via plataforma Google Meets, com duração de duas horas, e totalizaram para cada grupo 6 encontros.

O projeto de Acolhimento em Saúde Mental foi divulgado via redes sociais para a inscrição dos universitários a serem atendidos, que preenchiam um formulário online com perguntas que versavam sobre as informações de contato, condições psicossociais e vulnerabilidades. Os 34 inscritos foram classificados com base em critérios psicossociais de vulnerabilidade, e também a partir de recursos psicossociais e redes de apoio disponíveis. Ao final do processo, foram selecionados 24 universitários para serem chamados inicialmente, e construiu-se uma lista de espera com 10 pessoas.

A oferta dos dois grupos de acolhimento em Saúde Mental iniciou em agosto de 2020 e se estendeu até outubro de 2020. As reuniões semanais de planejamento e avaliação da intervenção permitiram aprendizagens sobre levantamento de necessidades e demandas, manejo da técnica grupal e eficácia do cuidado coletivo. Nas supervisões semanais eram discutidos os principais pontos levantados nos grupos, a partir das transcrições realizadas. A construção grupal de significados era avaliada, e usada como base para o planejamento de novas intervenções.

A estrutura do projeto esteve assentada nos grupos focais, e desta forma, destinamos os dois encontros iniciais para levantar as necessidades, expectativas e desejos dos participantes, e os quatro encontros subsequentes foram destinados a aprofundar e apoiar as necessidades mais relevantes e os desejos mais significativos dos grupos. Os encontros subsequentes foram mediados a partir de uma postura mais terapêutica, e o material já trabalhado pela equipe é reapresentado para o grupo, funcionando como um espelho - no qual os participantes se reconhecem tanto como singularidades quanto em pertencimento a um grupo. Ao final do sexto encontro, realizou-se um momento de avaliação da experiência com os participantes, além de

disponibilizar acompanhamento via e-mail, para as pessoas que desejassem, por dois meses subsequentes, como forma de ampliar o acolhimento em saúde mental a quem tivesse maior necessidade. (PICHON-RIVIÈRE, 2005).

Todas as etapas de produção e execução do projeto foram registradas e analisadas, a fim de subsidiar esta produção. O foco deste relato crítico reflexivo é na produção da grupalidade e na aprendizagem da equipe de trabalho. Os registros permitiram constituir o corpus de análise deste relato de experiência, a saber 12 transcrições de encontros grupais e 15 registros dos encontros de supervisão. Este material foi submetido a análise de conteúdo temática (Minayo, 2010) e resultou em 4 analisadores: i) a equipe como grupo e grupalidade; ii) modalidade da supervisão; iii) formação de profissionais de psicologia para grupos; iv) eu e o meu outro. Tais analisadores foram constituídos a partir da latência que tiveram durante o percurso de realização do projeto e de concepção deste artigo. Cada um deles foi trabalhado à luz da literatura e dos referenciais teóricos citados anteriormente.

RESULTADOS

A equipe como grupo e grupalidade

Este analisador diz respeito à reflexão da equipe tanto como estrutura quanto processo, no sentido de que constituir uma equipe de trabalho a priori, não garante a produção da grupalidade, dos vínculos e vivências que caracterizam o processo grupal. Neste caso aqui relatado, o processo pedagógico horizontal e colaborativo, somado a empatia e compromisso desenvolvido pelos estudantes, além do contexto desafiador da pandemia que impôs a suspensão das atividades acadêmicas presenciais e restringiu um conjunto de oportunidades e condições de ensino, permitiu que a grupalidade se produzisse de forma muito rápida e legítima. Ao mesmo tempo que observamos a aprendizagem de conduzir e facilitar grupos de saúde mental, os estudantes que compunham a equipe viviam em ato e na práxis, a experiência grupal como equipe de trabalho. Esta articulação dialética permitiu um aprendizado bastante significativo e integral, pois acessou as dimensões cognitivas, atitudinais e éticas, permitindo movimentos de compreensão internos e externos a própria equipe, o que resultou em potência para que as estudantes e o estudante que compunham a equipe, conduzissem de forma adequada técnica e eticamente os encontros grupais.

Pichón-Riviére (2005) e colaboradores ao sistematizar as experiências grupais no Instituto Argentino de Estudos Sociais (IADES) em Rosário - Argentina, evidenciaram a dupla dimensão clínica-terapêutica e formativa dos Grupos Operativos, caracterizando como um processo cumulativo, interdisciplinar e de ensino orientado: “a didática interdisciplinar baseia-se na preexistência, em cada um de nós de um esquema referencial conjunto de experiências, conhecimentos e afetos com os quais o indivíduo pensa e age) que adquire unidade através do trabalho em grupo...” (op cit, p.125). Importa destacar aqui que os benefícios terapêuticos do grupo são também desenvolvidos como produção de grupalidade, benefícios de aprendizagem e produção de vínculos: “os grupos de discussão e tarefa nos quais se estruturam mecanismos de auto-regulação, são postos em funcionamento por um coordenador, cuja finalidade é obter dentro do grupo uma comunicação que se manifeste ativa, ou seja, criadora” (op cit, p.127).

Segundo Ishara, Cardoso e Loureiro (2013), as técnicas grupais são potentes para o cuidado em saúde mental por estimularem o protagonismo dos participantes e contribuírem para a elaboração das vivências compartilhadas, com ênfase na produção e no fortalecimento de vínculos, estrutura complexa a partir da qual as pessoas se constituem e interpretam a realidade (BASTOS, 2010).

A equipe assumiu uma postura de mediação e de facilitação das narrativas e dos afetos trocados, buscando, a partir de uma escuta atenta e dialógica, entender a circulação do discurso coletivo ao longo do encontro e interpretar as relações e as trocas realizadas, exercitando ouvir os afetos e as relações intersubjetivas, para além do conteúdo falado das pessoas individuais, algo que é contra intuitivo diante da formação tradicional das universidades.

O processo de trabalho da equipe foi facilitado pela construção de uma grupalidade colaborativa e comprometida, gerando movimentos de união e coesão, que acolhiam composições e divergências. A grupalidade desenvolvida na equipe serviu como apoio para as dificuldades que surgiram durante a prática e como potencializadora de aprendizados a partir das ricas trocas entre os estudantes de diversos anos da graduação. Os materiais teóricos compartilhados e as discussões durante as supervisões ofereceram uma base importante para que os processos contratransferenciais fossem encarados com tranquilidade. Foi no estar em grupo e trabalhar em grupo que o saber-fazer da intervenção grupal se concretizou.

Modalidade da supervisão

Paralelamente às intervenções grupais com os participantes do projeto, ocorria a supervisão de equipe semanalmente, também em caráter online, para a construção de uma prática crítica e embasada. O espaço de supervisão destinava-se a narrativas e reflexões sobre a intervenção realizada, apoiadas em referencial teórico, bem como constituía um espaço de planejamento das atividades futuras. Este favoreceu a complementaridade para uma atuação grupal pautada na ciência psicológica, ética, empática e profissional.

Neste processo de ensino-aprendizagem, imbuídos da diretriz dialógica, da valorização de saberes prévios, de potenciais de leitura de mundo como guias para compreender significativamente os fenômenos, e promovendo movimentos de implicação em transformar realidades (FREIRE, 2008), os espaços de supervisão constituíram importante analisador deste relato de experiência. A produção de relações horizontais na equipe, a desconstrução do lugar de suposto saber do professor, respeitando uma espiral de aprendizagem que permite tempos singulares de desenvolvimento e se pauta na práxis, mostrou-se fundamental tanto para um resultado eficaz do recurso terapêutico quanto para sustentar laços de trabalho implicado e significativo entre os estudantes em formação.

Com as 'supervisões em ato', que ocorriam durante as intervenções grupais e amparadas na perspectiva de 'trabalho vivo em ato' (FRANCO; MERHY, 2012), foram exigidas e desenvolvidas habilidades que envolvem colaboração, flexibilidade, foco e criatividade da equipe. Estamos caracterizando como 'supervisão em ato' a seguinte dinâmica, que se construiu de forma espontânea e não planejada previamente, ao longo do projeto: os dois primeiros encontros foram conduzidos pela docente responsável, visando imprimir um ritmo ao projeto, funcionar como referência para as duas estudantes que iriam assumir o papel de facilitação grupal a partir do terceiro

encontro, bem como para a equipe de trabalho. Observou-se a partir dos encontros grupais online via Google Meets, que a equipe interagiu paralelamente, de forma espontânea, pelo whatsapp (grupo criado para equipe do projeto), no sentido de comentar, esclarecer ou sugerir intervenções em tempo real com o grupo.

Este processo produziu o movimento que enquanto aconteciam os encontros, eram compartilhados pontos importantes ou críticos do processo grupal, recebendo orientação da docente e/ou de outros membros da equipe sobre as melhores formas de intervir, tranquilizando os estudantes para a realização do trabalho em ato e potencializando as observações e aprendizados ao longo do grupo. Todos os comentários e questões eram feitos de maneira pontual, de forma que essa ferramenta se constituía como apoio aos membros da equipe, mas sem gerar distrações que poderiam prejudicar o envolvimento no momento do grupo.

Vale aqui destacar que este dispositivo de comunicação não previsto a priori (a interação da equipe em tempo real pelo whatsapp), teve como efeito apoiar a tarefa de conduzir e mediar um grupo terapêutico: perceber e lidar com o comum do grupo na dimensão afetiva. Ao trocar as percepções sobre os movimentos no grupo, os estudantes da equipe ao mesmo tempo expressavam suas leituras sobre a técnica grupal, ajustavam suas condutas técnicas e se apoiavam no sentido de acolher situações de insegurança, reforçar intervenções adequadas e ampliar a percepção do funcionamento grupal. Todas as interações do que chamamos “supervisão em ato” eram discutidas e problematizadas nos encontros formais de supervisão clínica, visando colocar em análise nosso próprio movimento, trazendo para a experiência formativa, a dimensão de metanálise, imprescindível para o pensamento crítico e desenvolvimento de autonomia emancipatória.

Desde o início deste movimento, este elemento foi tratado como um analisador relevante para a equipe de trabalho, no sentido de reflexões sobre a própria equipe, em um movimento de tensionamento interno na busca de compreender e avaliar se tal movimento configurava um processo benéfico ou não, tanto à formação do estudante de psicologia, quanto na condução dos encontros grupais. A partir da análise interna deste elemento, a equipe compreendeu que a supervisão em ato se constituiu em um dispositivo estratégico para a formação de psicólogo no cuidado grupal de modalidade remota. A oportunidade de reflexão conjunta e de trocas em tempo real, a respeito das percepções de situações críticas e/ou significativas, permitiu ampliar a escuta qualificada bem como o olhar para os processos grupais que ocorriam de forma singular e no vínculo grupal. Desta forma, entendemos que esta modalidade foi benéfica e oportuna para a formação e para a condução dos grupos de acolhimento em saúde mental.

Em relação ao formato online de grupo de acolhimento, alguns desafios e reflexões foram trabalhados: as dificuldades tecnológicas; a falta de um setting bem estruturado; a possibilidade de utilização paralela do chat e seus significados; os novos silêncios dentro do grupo, relacionados à velocidade da internet e a impossibilidade ou limitação de observação das respostas corporais dos participantes. Apesar de tudo isso o modelo se mostrou muito potente para o cuidado em saúde mental, contando também com suas vantagens, como a possibilidade de supervisão em ato.

Formação de profissionais de psicologia para grupos

Para os psicanalistas e autores Zimmerman (1991, 1997) e Grotjhan (1983), existem características desejáveis aos psicoterapeutas grupais, tais como: ser dirigido pelo desejo de entender; usar a espontaneidade como dispositivo técnico; confiar em si mesmo; ser uma pessoa real, mas também uma figura de transferência; ser um indivíduo que conhece a ansiedade e o medo, bem como a depressão e o desespero; ter uma atitude de entendimento; ter força e resistência para as lutas necessárias do grupo; poder se colocar no papel de cada paciente e entrar no clima do grupo; ter condições de perceber que sentimentos provêm do paciente e quais são dele; conter suas próprias angústias, de modo que não invadam toda sua mente; agir como uma mãe que acolhe, decodifica e dá significado às experiências emocionais da criança; decodificar a linguagem não verbal para a verbal. Todas essas características foram estimuladas tanto nos mediadores primários dos grupos quanto nos demais membros da equipe que também se colocavam ativamente na construção do encontro. A dinâmica de 'supervisão em ato' mostrou-se muito valiosa para esta dimensão.

Visto que, tradicionalmente, a Psicologia se volta a intervenções individuais e clínicas de cuidado, normatizadas durante os anos de formação do profissional (BÓING & CREPALDI, 2010; CEZAR, RODRIGUES, ARPINI, 2015), entende-se como potente a oportunidade propiciada por esse projeto para a superação dessa lacuna na formação sobre intervenções grupais. É essencial que a Psicologia esteja ativa no desenvolvimento de arranjos grupais de cuidado a partir de uma óptica coletiva e ampliada, e que isso seja estimulado desde as graduações a partir de espaços formativos de discussões.

Eu e o meu outro

Este analisador diz respeito a condição do projeto ser produzido por universitários e voltado ao público alvo de universitários. Por se tratarem de estudantes acolhendo estudantes, os processos de transferência e contratransferência estiveram presentes. Dessa forma, a equipe precisou ser muito auto observadora e auto analítica, haja vista a similaridade dos desafios e das perdas sofridas em função da pandemia por COVID19. A consciência do psicoterapeuta sobre seus próprios afetos foi, portanto, ainda mais crucial para que os estudantes pudessem sentir (e refletir) livremente os afetos do grupo (ANDREA, 2006; CORRÊA, J; SEMINOTI, 2005).

Destaca-se a condição de universitários vivenciando a pandemia e as incertezas despertadas por ela, se propondo a cuidar de outros universitários na mesma condição. A fragilização dos projetos de vida gerada pela pandemia é vivida por todos, mas o destaque levantado diz respeito às especificidades do meio acadêmico, em que os cursos passaram por adaptação ao período remoto, demandando dos alunos tomadas de decisões e falta de perspectiva de formatura.

As similaridades também se davam a partir dos cursos de graduação, vivências familiares, questões de raça, sexo e gênero, características sócio-econômicas e outros. Esses marcadores estão presentes em todas as relações, inclusive as de cuidado, mas que nesse contexto específico se mostravam ambivalentes. Por um lado, despertavam a empatia por meio do conhecimento de causa, por outro, podiam gerar impasses acerca das condutas a serem tomadas.

O fenômeno transferencial e contratransferencial está presente independente do tipo de grupo em Saúde Mental a ser ofertado, caracteriza-se pelo processo no qual desejos inconscientes se atualizam sobre objetos (pessoas, situações, gestos, objetos

concretos, lembranças, etc). Importa aqui considerar estes processos no setting do grupo operativo, coordenado por estudantes que acolhiam outros semelhantes em identidade. Estes processos transferenciais e contratransferenciais colocam em questão uma relação tempo-espaço a partir da repetição, que pode dar lugar a um atuar e reviver no lugar de lembrar. Nossa tarefa interna como equipe consistia em identificar tais processos, focar na dimensão didática visando preservar o manejo técnico da transferência grupal buscando manter a relação do grupo com seu objetivo – a tarefa grupal.

As questões contratransferenciais eram constantemente levadas às supervisões, onde era realizado um acolhimento e partilha das diferentes visões e sentimentos dos membros da equipe sobre o tema, seguidos por orientações da supervisora sobre como trabalhar o que foi trazido. A elaboração em grupo dessas questões foi fundamental para o fortalecimento do vínculo entre os membros da equipe.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta sistematização reflexiva da experiência vivida na interface da formação e assistência em saúde mental, permite destacar algumas questões centrais, que sinalizaremos a seguir.

- I. As aprendizagens em situações críticas e restritas: o contexto assustador da pandemia por COVID19 trouxe e traz inúmeras perdas em muitas dimensões, e justamente por isso convoca o mundo da Academia a se movimentar para produzir um conjunto vasto e heterogêneo de respostas, que precisam ser articuladas e sustentadas. Neste sentido, a sensibilidade em relação à política de permanência estudantil no contexto pandêmico é crucial, e nosso projeto buscou produzir condições de minimizar danos e ofertar espaço de cuidado em saúde mental;
- II. A importância de planejar e executar projetos de cuidado bem embasados e ao mesmo tempo inovadores: a elaboração do projeto, apesar do curto tempo, esteve marcada pela preocupação com as bases técnicas e científicas da assistência em saúde mental na modalidade grupal, e ao mesmo tempo se abriu para considerar elementos criativos, inéditos e pautados na realidade dos atores envolvidos, resguardando a perspectiva sócio-histórica e processual (Vygotsky, 1999; 2005), além da marca da autonomia, liberdade e com foco nos sujeitos alvo da aprendizagem e do cuidado (FREIRE, 2008);
- III. Sensibilidade para perceber o processo e ser capaz de analisá-lo num movimento de metanálise, tanto da dimensão pedagógica (método de ensino-aprendizagem) quanto da dimensão técnica assistencial (grupos operativos em saúde mental na modalidade remota);
- IV. Limites do trabalho: o acesso dos envolvidos a tecnologia (internet de qualidade), a modalidade remota de oferta de cuidado em saúde mental, o curto tempo de execução (3 meses), e a modalidade uniprofissional (psicologia), pois entendemos que o Cuidado em Saúde Mental e o uso do dispositivo grupal pode e deve ser interprofissional;
- V. Alcances do trabalho: uma população privilegiada no sentido do acesso às tecnologias da informação e comunicação (TICS), familiaridade com ferramentas tecnológicas, produção de um espaço real e efetivo de acolhimento em

saúde mental para um público que viveu e vive um conjunto de estressores de saúde mental, aprendizagem significativa aos estudantes da equipe do projeto que têm esta lacuna - dispositivos grupais - na formação da graduação.

Neste sentido, consideramos que o trabalho de mediação de grupos, além de intenso e de quebrar muitos paradigmas da educação formal, demandou da equipe ainda mais capacidade psíquica de suportar a avalanche de demandas advindas da prática grupal (CORRÊA; SIMENOTI, 2005). Essa demanda pôde ser trabalhada junto a equipe pela supervisão em ato e pela supervisão tradicional, posterior ao momento de cada grupo focal.

A experiência de planejamento e execução do dispositivo grupal online foi proveitosa tanto para o objetivo de acolhimento dos membros como para o aprendizado da equipe. A partir dessa experiência, recomendamos replicações deste modelo em novos grupos, com destaque para a alta probabilidade de mantermos a oferta deste projeto de forma sustentada, tanto em futuros editais PIAPE, quanto na possibilidade de um novo campo de estágio curricular no curso de Psicologia, e que possa agregar estudantes de outros cursos da área da saúde.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARANTE, P. (org) *O enfrentamento do sofrimento psíquico na pandemia: diálogos sobre o acolhimento e a saúde mental em territórios vulnerabilizados*. Rio de Janeiro: IdeiaSUS/Fiocruz, 2020. 82 p.
- ANDREA, M. A. Transferencia y contratransferencia: el sentir como instrumento de trabajo en el proceso grupal. *Revista da SPAGESP*, v. 7, n. 2, p. 51-58, 2006.
- AYRES, J. R. C. M. *Cuidado: trabalho e interação nas práticas de saúde*. Rio de Janeiro: CEPESC - IMS/UERJ - ABRASCO. 2009. 282p.
- BASTOS, A. B. B. I. A técnica de grupos-operativos à luz de Pichon-Rivière e Henri Wallon. *Psicólogo inFormação*, v. 14, n. 14, p. 160-169, 2010.
- BÖING, E.; CREPALDI, M. A. O psicólogo na atenção básica: uma incursão pelas políticas públicas de saúde brasileiras. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 30, n. 03, p. 634-649, 2010.
- CEZAR, P. K.; RODRIGUES, P. M.; ARPINI, D. M. A psicologia na estratégia de saúde da família: vivências da residência multiprofissional. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 35, n. 01, p. 211-224, 2015.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP); ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO DE PSICOLOGIA (ABEP). *Minuta de realização de estágios e práticas nos Cursos de Graduação em Psicologia no contexto da Pandemia de COVID-19: posição e orientações do CFP e ABEP*. Junho 2020. Disponível em: <http://www.abepsi.org.br/2020/06/15/realizacao-de-estagios-e-praticas-nos-cursos-de-graduacao-em-psicologia-no-contexto-da-pandemia-de-covid-19-posicao-e-orientacoes-do-cfp-e-abep/> Acesso em: 01 de julho de 2020.
- CORRÊA, J; SEMINOTI, N. Contratransferência do psicólogo coordenador de grupos. *Psicologia Clínica*, v. 17, n. 2, p. 141-155, 2005.
- CZERESNIA, D.; FREITAS, C. M. *Promoção da Saúde: conceitos, reflexões, tendências*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2014. 176p.
- FOUCAULT, M. *Doença Mental e Psicologia*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000. 99p.
- FRANCO T. B.; MERHY, E. E. Cartografias do trabalho e cuidado em saúde. *Revista Tempus Actas Saúde Coletiva*, v. 06, n. 02, p. 151-163, 2012.
- FREIRE, P. *Virtudes do Educador*. Série Folhetos. Ed. Vereda, 1982.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia*. Paz e Terra. 2008. 144p.
- GROTJAHN, M. *A arte e a técnica da psicoterapia analítica de grupo*. Rio de Janeiro: Imago, 258p., 1983.
- HOLLIDAY, O. J. *Para sistematizar experiências*. 2a. edição. Brasília: Ministério de Meio Ambiente MMA. 2006. 128p.

INTER_AGENCY STANDING COMITTEE (IASC). *Guia preliminar*. Como lidar com os aspectos psicossociais e de saúde mental referentes ao surto de COVID-19. Versão 1.5. março 2020. trad. Márcio Gagliato. 15p. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/documents/interim-briefing-note-addressing-mental-health-and-psychosocial-aspects-covid-19-outbreak> Acesso em: 25 de julho de 2020.

ISHARA, S.; CARDOSO, C. L.; LOUREIRO, S. R. *Grupo comunitário de saúde mental: conceito, delineamento metodológico e estudos*. Ribeirão Preto: Nova Enfim, 2013.

MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento*. Pesquisa qualitativa em saúde. 12a edição. São Paulo: Hucitec; 2010.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE (OPAS). ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA REFUGIADOS (ACNUR). *Manejo Clínico de Condições Mentais, Neurológicas e por Uso de Substâncias em Emergências Humanitárias. Guia de Intervenção Humanitária*. (GIH-mhGAP). Programa de Ação para Reduzir as Lacunas em Saúde Mental. 2015. 68p.

PEREIRA, A. A.; VIANNA, P. C. M. *Saúde Mental*. Belo Horizonte: Coopmed, 2009. 76p.

PICHON-RIVIÈRE, E. *O processo grupal*. Martins Fontes. São Paulo, 2005.

ROTELLI, F. et al. Desinstitucionalização: uma outra via. In: NICÁCIO, F. (org) *Desinstitucionalização*. São Paulo: HUCITEC, 1990. p.17-59

SCHMIDT, B. et al. Saúde mental e intervenções psicológicas diante da pandemia do novo coronavírus (COVID-19). *Estud. psicol. (Campinas)*, Campinas, v. 37, e200063, 2020. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2020000100501&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 25 de maio de 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS. Conselho de Assuntos Comunitários e Estudantis. Resolução CoACE/UFSCar Nº 116, de julho de 2018. *Dispõe sobre o Programa Institucional de Acolhimento e Incentivo à Permanência Estudantil da UFSCar*. São Carlos: Conselho de Assuntos Comunitários e Estudantis, 2018. Disponível em: https://www.bolsas.ufscar.br/BOLSAS/ProACE/documentos/Resolucao_PIAPE.pdf. Acesso em: 03 out. 2020.

VYGOTSKY, L. *Pensamento e Linguagem*, SP: Martins Fontes. 1999.

VYGOTSKY, L. *Formação Social da Mente*. SP: Martins Fontes, 2005.

ZIMERMAN, D. E. Grupos de Reflexão. *Revista GrupAL*. Revista da Federação Latino-Americana de Psicoterapia Analítica de Grupo. Vol.1: 47-53, 1991.

ZIMERMAN, D. E. Fundamentos teóricos. Em: ZIMERMAN, D. E.; OSORIO, L.C. (orgs) *Como trabalhamos com grupos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.